

# CIDADE E EXCLUSÃO DA ALTERIDADE EM DOIS CONTOS DE CARLOS GARDINI E JULIO RAMÓN RIBEYRO

SYLVIA HELENA DE CARVALHO ARCURI\*

## RESUMO

Este artigo pretende problematizar a forma como a emergência das massas, a inevitável convivência com o diferente no espaço democrático da cidade passa a ser visto como invasão e acarreta, por parte dos antigos moradores, estratégias de reação violenta que visam a eliminar o elemento ameaçador ou enviá-lo mais uma vez para as margens mais distantes da cidade. Esse sujeito intolerante não percebe que sem a existência do Outro não há possibilidade de afirmar a sua própria identidade, que se constrói por contraste, em relação a esse monstro moderno que é a “massa”, a “multidão”, os pobres, a classe trabalhadora. Partindo dessa problemática tão central para se pensar o processo de modernização das sociedades periféricas, pretende-se observar através dos contos “Ao pé da escarpa”, do escritor peruano Julio Ramón Ribeyro, e “Perros en la noche”, do narrador argentino Carlos Gardini, como a produção simbólica representou a formação da cidade latino-americana como projeto segregacionista em relação ao diferente. Para pensar a questão dessa pluralidade de identidade que convivem de modo tenso no corpo da cidade serão usadas às teorias de Jesús Martín-Barbero, Marcelo Lopes de Souza e Zygmunt Bauman sobre a formação das “cidades massificadas” como “sociedades divididas” e a percepção do Outro como refugio a ser removido.

Palavras-chave: alteridade, periferia, autoridade, exclusão, refugos humanos.

## ABSTRACT

This article intends to problematize the way in which the emergence of the masses and the unavoidable coexistence with the contrasting and the different in the democratic space of cities is seeing as an intrusion of the space of the self. This sense of intrusion causes the development violent actions, imputed by the first inhabitants of a city, aiming to either eliminate or marginalize the threatening element. This intolerant individual does not perceive that without the existence of the "other" there is no possibility to assert his own identity, that is constructed by relating and contrasting this modern monster that is the "mass", the "crowd", the poorest and the working class.

Starting from this key problematic as a method to analyze the modernization process of the peripheral societies, this essay observes, through the short-stories "Ao pé da escarpa", from the peruvian writer Julio Ramón Ribeyro and "Perros en la noche", from the Argentinean Carlos Gardini, how the symbolic narrative represented the development of Latin-American cities as a segregationist project in relation with the other. In order to

---

\* Professora de Literatura e Língua na Rede Estadual de Ensino RJ. Pós-Graduada *Lato sensu* – Especialização em Literatura Hispano-americana / UFRJ. Pós-Graduada: *Lato sensu*: Relações Etnicorraciais e educação: uma proposta de (re)construção do imaginário social / CEFET-RJ  
e.mail:sylvia.arcuri@gmail.com

review this issue of multiple identities that cohabit with tension in the marrow of the city, theories written by Jesús Martín-Barbero, Marcelo Lopes de Souza and Zygmunt Bauman on the subject of the shaping of the "massive cities" as "divided cities" and the perception of the Other as a waste to be removed will be used to deepen the may problematic that is treated in this article.

Key words: otherness, periphery, authority, exclusion, human waste

### **NARRATIVA URBANA: A MASSA QUE FORMA A PERIFERIA**

A grande época de migração da história foi e a época Moderna. Um grande número de pessoas se moveu por todo o planeta.<sup>1</sup> Na primeira metade do século XX por causa do crescimento das grandes cidades que passavam pelo processo de modernização e clamavam por mudanças, ondas de pessoas do campo migraram para essas cidades e transformaram rapidamente a imagem dessas metrópoles. Diante dessa nova fisionomia e da angústia de assistir o crescimento desenfreado, os artistas se mobilizaram e sentiram uma necessidade de falar, de denunciar. Essa necessidade foi percebida nas artes visuais e na literatura das cidades da América Latina. Vários autores latino-americanos se destacaram nesse cenário, entre eles o peruano Julio Ramón Ribeyro que se angustia com esse processo e o expõe no conto primoroso “Ao pé da escarpa”.

Dentro desse desenvolvimento acelerado e desencadeado a partir da segunda metade do século XIX, os centros das cidades, já inchados, iniciam seus processos de deslocamento da massa urbana para as áreas periféricas e a população que compõem esses bairros começa a ter voz e essa autonomia desperta os autores para outro processo de mudança, mas dessa vez não das cidades em si mesmas, mas dos homens que a habitam. Os escritores sentem necessidade de falar, de refletir, de mostrar como a doença dos grandes centros atinge os homens e a periferia e a “crise urbana” se instala. Os autores passam a falar da temática urbana deixando de lado os temas do campo.

Para sobreviver, esses grandes centros precisam realizar uma limpeza ambiental, eliminando e expulsando aquilo ou aquele que não serve, esse momento é um tema também presente no conto “Perros en la noche” do argentino Carlos Gardini que denuncia a segregação, o preconceito, a divisão e o refúgio humano.

As ações dos contos mencionados acontecem na periferia de uma grande cidade que pode ser Lima, Buenos Aires, Los Angeles ou Rio de Janeiro. O narrador em primeira pessoa nos dois contos é proposital, pois impregna a narrativa com a voz daquele que

esteve sempre à margem e que agora tem oportunidade de expressão, de falar das suas angústias e das mudanças que a periferia, como alteridade dos grandes centros, pode provocar neste homem marginalizado, visto como aquele que não serve, o excluído, ou ainda, aquele que só serve para servir, aquele que só tem a função de ser o outro.

Julio Ramón Ribeyro assume a missão de mostrar com o texto literário a nova geografia de Lima, o desafio de apresentar a cidade moderna, e todas as angústias que o advento dessa modernidade urbana traz e contamina seus habitantes, uma cidade renovada que incorpora no seu espaço a imagem real do país e do continente. Esta nova realidade traçada não só por Ribeyro, mas por outros autores, é realizada através de uma perspectiva crítica das aceleradas modificações urbanas que vêm acontecendo durante algumas décadas. O discurso literário dramatiza as mudanças e as coloca em contraste com o momento presente, saindo da barbárie e entrando na civilização. Ribeyro descobriu e revelou essas mudanças da realidade social limenha nas entrelinhas do seu conto: ...

até que de repente começavam desesperadamente a construir uma casa com aquilo que tivessem o alcance da mão. As casas deles eram de papelão, latas amassadas, pedras, bambu sacos de aniagem, esteiras, tudo aquilo que pudesse fechar um espaço e separá-lo do mundo. Não sei do que vivia aquela gente...<sup>2</sup>

Não dá para pensar em periferia sem pensar no centro. A formação da periferia é algo típico do processo de formação das metrópoles, que está intimamente ligado ao processo de “favelização” com condições mínimas de sobrevivência e precariedade. A cidade quando cresce oferece emprego, a massa rural se sente atraída, pois já não tem mesmo nada, então vale a pena arriscar para ter uma vida melhor, mesmo que para isso vivam na zona periférica dos grandes centros ou nas favelas. Além do mais, a cidade com suas possibilidades de bem estar, possibilidade de acesso aos serviços atrai esses homens do campo que chegam iludidos com a imagem de que podem mudar suas vidas. Essas ondas de migrantes só aumentam o índice de pobreza. A mobilidade social desencadeia uma nova identidade do popular segundo Martin-Barbero:

Talvez em poucas cidades latino-americanas o fenômeno atinja, na atualidade, as proporções sociais e culturais que tem em Lima, onde vive quase a metade da população do Peru e onde 70% dos habitantes vivem em assentamentos populares, os “pueblos jóvenes”, isto é, bairros de posseiros legalizados ou ainda irregulares. (...) As favelas que há trinta anos nem existiam nessa capital, converteram-se no principal personagem da “nova” Lima, como resultado de oscilação ecológica e demográfica de um país que em 1940 era 65% urbano. “Em 1984, Lima é uma capital de forasteiros, A cidade saturada em

sua geografia e em sua moral: as situações existentes – invasões de terrenos na periferia, para fins de habitação, e das ruas do centro, para o desempenho de atividades de sobrevivência – geram novas fontes de direito reconhecidas ou permitidas por um Estado que também está saturado.<sup>3</sup>

A mutação e a realidade contemporânea urbana, que deixa para trás um passado campestre, bucólico, e a definição do espaço onde acontecerá a narrativa é o que vemos logo de início do conto “Al pie del alcantilado”.

Nesse primeiro momento, o protagonista compara o ser humano que vive à deriva com uma espécie de planta selvagem, que assim como ele pode viver em qualquer lugar que lhe dê chance, que faça essa concessão, mesmo que esse espaço seja longe do centro, de onde a vida acontece. A planta serve como símbolo de representação, como metáfora da persistência dos menos agraciados que conseguem sobreviver às duras penas. Também serve como sinal de renascimento da vida, fertilidade e abundância que vence a morte, que cria raízes, mas que pode ser arrancada a qualquer momento assim como os homens podem ser deslocados e condenados a viver distante do centro. O habitat dessa planta é à beira mar e nesse cenário se desenvolverá toda a narrativa de Ribeyro que ganha o espaço externo.

Os personagens de Ribeyro são expulsos de chácara em chácara até que chegam a um balneário abandonado, onde cresce a figueira-brava e se estabelecem. Mas logo o medo se instala quando percebem que existe uma rachadura no despenhadeiro que os leva a buscar uma saída que será construir um contraforte para impedir o desabamento.

A gente é como a figueira-brava, essa planta selvagem que brota e se multiplica nos lugares mais amargos e escarpados. Vejam como cresce no areal, sobre o seixo rolado, nos córregos sem água, no desmonte, ao redor dos depósitos de lixo. Não pede favores a ninguém, tão-somente um pedaço de espaço para sobreviver.<sup>4</sup>

A imagem da periferia como um lugar de crescimento desordenado, caótico, poluído, com sérios problemas ambientais, onde a arquitetura foge daquela que é planejada para os grandes centros também é mostrada no conto de Gardini. Essa periferia que apresenta uma planta desordenada, onde não há saneamento básico, luz escolas, um lugar onde as ruas não têm calçamento e que são traçadas para facilitar acesso para casas construídas cada vez mais distantes e com material reciclado, porque podem ser desapropriadas a qualquer momento, também pode ser lida no conto “Perros en la noche” nessa passagem: “Desde las calles súcias, desde manzanas de casas de chapa, desde las

vías abandonadas, desde los basurales com olor a goma quemada, desde los terraplenes llenos de ratas muertas, podedumbre y preservativos secos, respondían otros perros”<sup>5</sup>

Os autores com suas narrativas tentam representar e chamar atenção para essa massa que muda, aquela que será a responsável de manter a identidade do centro.

### **PANO DE FUNDO: A VIOLÊNCIA**

No conto “Al pie del acantilado”, que pode ser lido com um sentido universal, pois mostra que os homens, de sociedades similares, passam geralmente pelos mesmos problemas, Ribeyro desenha um mundo que ultrapassa a ficção e aborda problemas da sociedade moderna, um mundo cheio de seres inúteis que vivem como nômades porque não se acomodam em nenhum lugar por causa da especulação imobiliária. Esses personagens formam uma verdadeira sociedade de anônimos, desconheciam que se consola com a ilusão da promessa de um mundo melhor.

Já mergulhados em um mundo miserável que nasce em torno dos grandes centros, o leitor deste conto, começa a perceber como esses personagens vivem, a maneira como lidam com a cotidianidade e como sobrevivem. Do estágio de percepção o leitor passa para o estágio de questionamento e de identificação do problema que está além das linhas e descobre que outras questões aparecem como pano de fundo e que se tornam aparentes, uma dessas questões é a violência.

As narrativas de Ribeyro e de Gardini dialogam em vários momentos, em ambos os contos há a presença de cães, que aparece no título de “Perros en la noche”. No conto de Ribeyro o cão aparece como o vira-lata, aquele que é rejeitado e expulso do núcleo de convivência e assim como os humanos sofrem algum tipo de violência. Diz o narrador: “No começo foram os cachorros, aqueles cachorros vagabundos e pobres que a cidade expulsa cada vez para mais longe, feito gente que não paga aluguel”<sup>6</sup>. Mas os personagens humanos recebem todos os cachorros enjeitados que aparecem porque se identificam com eles. Essa cidade que traga e já não deixa que todos desfrutem do que ela pode oferecer como: trabalho, estudo, uma vida mais digna.

No conto de Gardini, caçar cães é uma ação que serve de fachada para o trabalho sujo realizados pelos personagens, que na verdade caçam humanos e os eliminam para que a cidade fique mais limpa. Os cães funcionam como alibi para um trabalho sujo. O

personagem narra: “y después nos metíamos en la zona de descontaminación que nos habían asignado esa noche para limpiarla de perros y jodidos”.<sup>7</sup>

Pode-se constatar que a recessão econômica acompanhada do desemprego que assola os moradores da periferia leva a uma desordem social e o aumento da pobreza eclode na violência urbana. A violência passa a fazer parte dessas áreas mais carentes e dá margem à criação de grupos de extermínio e ao crime organizado.

A violência que permeia os contos não é apenas a violência como a conhecemos, mas um outro tipo de violência mais sutil, violência moral que comete o Estado quando desapropria, expulsando como cachorros enxotados, os mais pobres das suas moradias nas periferias e os empurra para mais longe, o que acontece como nos conta Ribeyro:

No entanto, na primeira manhã de inverno, um grupo desceu correndo pela quebrada e entrou na minha casa gritando:  
 - Já estão lá! Já estão lá! – diziam, apontando para cima.  
 - Quem? – perguntei.  
 - A companhia! Começaram a abrir caminho  
 Subi no ato e cheguei quando os operários tinham botado abaixo a primeira casa. Traziam muitas máquinas.<sup>8</sup>

Frente à banalização da violência o ser humano se torna passivo, a narrativa continua até chegar o momento de destruição da casa do Leandro, personagem principal, que já está sozinho, sem filhos, sem o único amigo Samuel, cansado de lutar pelo o direito de moradia, pelo direito de cidadania, diante da violência cometida e do estigma de ser pobre, de viver na periferia, de ser refugio, passivamente sai da sua casa em busca de um novo chão para morar, mais uma vez, constata que está privado de uma identidade social, recolhe alguns pertences e os únicos que o acompanha são os seus cães.

Privados da sua identidade social, isolados dos grupos e em uma situação marginal, também estão os personagens de “Perros en la noche”, que estão apartados do convívio social por causa do papel que exercem na sociedade que não acolhe o diferente. Além disso, se afastam da própria identidade porque já não estão tão certos de quem são. Turco e seu ajudante trabalham para uma empresa cuja função é eliminar os “jodidos”, seres que também não possuem identidade social: “yo los distinguía cada vez más de la gente. Tenían esa mirada perdida, esos brazos flojos, esa piel pálida, pero había otra cosa, ese aire traicionero de los jodidos (...) –Terminás siendo como ellos, Una basura, un

inservible.”<sup>9</sup> Esses seres estigmatizados podem ser lidos como: negros, índios, homossexuais, deficientes.

Ambos os contos apresentam personagens masculinos com humanidade, ainda que seja uma humanidade “distorcida”, dentro de uma sociedade desigual e mutável. Sobre essa humanidade, Alfredo Bryce Echenique no decorrer prólogo do livro *Só para fumantes* de Ribeyro afirma que:

O individuo socialmente desamparado encontra um novo amparo no discurso que o substitui. Dir-se-ia então que o sujeito do drama do subdesenvolvimento ou da modernização desigual pode perder tudo, exceto essa capacidade piedosa de recuperar sua humanidade na imaginação.<sup>10</sup>

Essa afirmativa cabe também para o conto de Gardini, que de uma maneira mais sutil, também convida o leitor a entender o processo de formação da periferia, mesmo que seja através da ficção científica, Gardini denuncia a desigualdade, a exclusão e a solidão que assola essa região das grandes cidades. Neste conto os leitores entram em um mundo que parece de ficção científica, mas que com a proximidade do real pode-se especular que seja mesmo real, já que aparecem várias misturas, de sociedades ainda periféricas com as que já possuem maior grau de tecnologia.

Imagens oníricas, desumanização, solidão e fracasso dão o tom, a cor, o ritmo à narrativa de “Perros em la noche”, uma grande metáfora da sociedade moderna fragmentada, onde a crueldade, a violência e o prazer em exterminar o que não faz parte do senso comum, impera.

### **ALTERIDADE SEM AUTORIDADE: O OUTRO EM SI MESMO**

A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre nós e eles, entre “eu” e os “outros”. O fato de estabelecer fronteiras, separação, segregação e distinção supõem relação de poder, de autoridade. De um lado estão aqueles que são, que podem e do Outro os que não são, os que não podem. Divide-se e classifica-se o mundo em: aqueles que tem privilégios e os que não tem, os que são civilizados e os que não são e conseqüentemente se estabelece uma hierarquia um tanto quando desigual. Existem os que estão do lado positivo e os que estão do lado negativo, e dentro desses lados, os que podem mais que outros. Ao mesmo tempo em que se diferenciam se identificam.

Incapacidade de conviver com a diferença é discriminação, é preconceito, é ter do Outro uma imagem distorcida e errada. Quando fala-se do “Outro”, fala-se de máscara, do outro rosto, dos excluídos, dos estranhos, dos bárbaros, dos ignorados, dos estigmatizados, dos vulneráveis, dos que estão alijados, daqueles que são refugio e que sofrem algum tipo de violência e preconceito, do medo que esse “Outro” causa e do lugar e da posição desse “Outro” no mundo

Se nega-se o “Outro”, nega-se a si mesmo, o “eu” não se reconhece, deixa de ter cumplicidade e passa a não admitir a sua própria identidade, a querer aniquilar o “Outro”, a não aceitá-lo.

Os dois personagens que exercem a função de exterminadores e recolhedores de cães pela periferia da cidade no conto “Perros en la Noche”, acabam sendo dois iguais que tentam eliminar outros tantos que são iguais entre si. A identidade passa a ser coletiva deixa de ter uma única impressão digital. A alteridade se confunde com a identidade e vice-versa. Eles existem porque os “Outros” existem e um justifica a existência do outro. O “eu” existe a partir do “Outro”, de como o “Outro” o vê e o percebe.

Os personagens que vivem um declínio de poder dentro do conto, em um dado momento se perguntam: como eu vou dialogar com o “Outro” que pode ser eu mesmo? Ou ainda, como dialogo e percebo o “Outro” se eu sou tão bárbaro como o “Outro”? Como dialogo com o “Outro” que está sendo colocado no lugar do eu, quando sou impedido de caçá-lo? Essa interdependência é assinalada durante a narrativa quando o Turco fica decepcionado com a decisão do governo de aumentar os números de hospitais para os “jodidos”, seu chefe tenta consolá-lo dizendo que ainda restam os “cães”, e o Turco responde: “-Por ahora –dijo el Turco–. Un día de estos ponen más centros de rehabilitación y se acabó todo.<sup>11</sup>”

A autoridade, a alteridade e a identidade dos personagens ficam afetadas. Eles já não sabem mais o que são, a quem perseguir, já não existe uma razão para viver, para escutar a rádio, para identificar quem eliminar. Eles apenas foram, existiram em função do “Outro”. Sem esse “Outro” já não são mais nada, mas estariam salvos se tivessem aceitado as diferenças.

A alteridade também fica sem autoridade no conto de Ribeyro quando o governo decide construir um condomínio de luxo na zona periférica onde moram Leandro e os seus

vizinhos sem voz, sem direito, sem representação. O governo decide levá-los para mais longe, a massa aceita a oferta porque nunca usufruíram o direito de ter autoridade sobre o lugar onde moravam. O personagem diz:

“O juiz veio no dia seguinte acompanhado de dois policiais e outros senhores.

Apoiado no parapeito falou:

- Eu vou acertar isto – disse. – Sinto muito, acreditem. Não podem ser jogados no mar, é evidente. Vamos conseguir um lugar para vocês morarem.

(...)

O juiz regressou.

- Quem quiser ir para Pampa de Comas levante a mão! – disse ele. – Consegui que cedam sete lotes de terreno. Dois caminhões vão vir para removê-los. É um favor que a prefeitura faz.

Nesse momento me senti perdido. Soube que todos iam me trair. Quis protestar, mas a voz não saía.”<sup>12</sup>

Leandro, aquele, que um dia representou os seus iguais, diante da perda da pouca autoridade que tinha perante o grupo não aceita a oferta e prefere buscar, junto com o filho, sua identidade. Caminha até encontrar outra vez uma figueira brava onde fincará o primeiro pilar da sua nova moradia, a sua nova identidade, a sua voz.

Finalmente a possibilidade de diálogo entre os dois contos, mostra o conceito prévio que se tem do outro, do que é diferente, da periferia que aumenta em torno dos grandes centros que provoca movimentos separatistas, provoca estranheza, provoca um afastamento e essas ações se tornam violentas quando se tenta impor a visão do que se crê que seja “eu”, a identidade, a normalidade, a igualdade.

Os autores em suas narrativas denunciam esses sentimentos que assolam a humanidade há algum tempo, mas que se potencializa na época atual. Viver a diferença faz parte do processo de ser humano, mas o homem na ânsia de ser esquece que é a partir do outro, e se enclausura, e despreza.

Os personagens e os temas dos contos levam o leitor a acreditar que para se chegar ao que se denomina civilização voltamos, com muito mais intensidade, a um processo de barbárie, até que se perceba que um interage com o outro, que um tem um laço de interdependência com o outro, que a violência se instala por falta de tolerância e reconhecimento.

A humanidade deveria passar por um processo de limpeza se reescrever para aprender que a periferia como alteridade do centro é importante nesse processo de aprendizado e que o outro sou eu mesmo, que esse outro tem identidade, tem um lugar no

mundo e que, na verdade, alteridade e identidade devem ser vividas sem autoridade. O centro cresce, se desenvolve porque existe a periferia, o eu cresce e se desenvolve porque o outro é possível e provoca a conquista da liberdade de ser eu.

### Referências bibliográficas

ACHÚGAR, Hugo. **Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura.** Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas; la modernidad y sus parias.** Trad. Pablo Hermida Lazcano. 1ª ed. Buenos Aires: Paidós, 2005.

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. *Entre o centro e a periferia: poder e discurso cultural nas zonas de contato.* In: **Limites: Anais do 3º Congresso ABRALIC** (3º, 1992, Niterói, RJ). São Paulo: Edusp; Niterói: ABRALIC, 1995, p. 655-660.

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. *Figurações do Outro.* In: **Limites: Anais do 3º Congresso ABRALIC** (3º, 1992, Niterói, RJ). São Paulo: Edusp; Niterói: ABRALIC, 1995, p. 219-226.

DAVIS, Mike. *Fortaleza LA.* In: **Cidade de Quartzão; escavando o futuro em Los Angeles.** Trad. Renato Aguiar. São Paulo: Scritta Editorial, 1993.

FUENTES, Carlos. **La nueva novela hispanoamericana.** México: Editorial Joaquín Mortiz, S.A de C.V. 1997.

GARDINI, Carlos. *Perros en la noche.* In: **Mi cérebro animal.** Buenos Aires: Minotauro, 1983, p. 14-20.

GOMES, Renato Cordeiro. *Da legibilidade da cidade: texto, labirinto, montagem.* In: **Limites: Anais do 3º Congresso ABRALIC** (3º, 1992, Niterói, RJ). São Paulo: Edusp; Niterói: ABRALIC, 1995, p. 573-577.

LESSA, Carlos. *A visibilidade da pobreza.* In: **O Rio de todos os Brasis; uma reflexão em busca da auto-estima.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

\_\_\_\_\_. *A perda da centralidade.* In: **O Rio de todos os Brasis; uma reflexão em busca da auto-estima.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Os métodos: dos meios às medições.* In: **Dos meios às imediações; comunicação, cultura e hegemonia.** Tad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

RAMÓN RIBEYRO, Julio. *Ao pé da escarpa*. In: **Só para fumantes**. Trad. Laura Janina Hosiasson. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. **Fobópole: o medo organizado e a militarização da questão urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

\_\_\_\_\_. **Desafio Metropolitano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

VILELA, Lúcia Helena de Azevedo. *Alteridade e perigo: o pharmakos*. In: **Limites: Anais do 3º Congresso ABRALIC** (3º, 1992, Niterói, RJ). São Paulo: Edusp; Niterói: ABRALIC, 1995, p. 31-36.

ZEA, Leopoldo. **Discurso desde a marginalização e a barbárie; seguido de A filosofia latino-americana como filosofia simplesmente**. Trad. Luiz Gonzalo Acosta et al. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

#### Notas:

<sup>1</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas; la modernidad y sus parias**. Trad. Pablo Hermida Lazcano. 1ª ed. Buenos Aires: Paidós, 2005.

<sup>2</sup> RAMÓN RIBEYRO, Julio. *Ao pé da escarpa*. In: **Só para fumantes**. Trad. Laura Janina Hosiasson. São Paulo: Cosac Naify, 2007; p. 111.

<sup>3</sup> MARTIN-BARBERO, Jesús. Os métodos: dos meios às medições. In: **Dos meios às imediações; comunicação, cultura e hegemonia**. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008; p.274.

<sup>4</sup> RAMÓN RIBEYRO, Julio. *Ao pé da escarpa*. In: **Só para fumantes**. Trad. Laura Janina Hosiasson. São Paulo: Cosac Naify, 2007; p. 95.

<sup>5</sup> GARDINI, Carlos. Perros en la noche. In: **Mi cérebro animal**. Buenos Aires: Minotauro, 1983, p. 16.

<sup>6</sup> RAMÓN RIBEYRO, Julio. *Ao pé da escarpa*. In: **Só para fumantes**. Trad. Laura Janina Hosiasson. São Paulo: Cosac Naify, 2007; p. 99.

<sup>7</sup> GARDINI, Carlos. Perros en la noche. In: **Mi cérebro animal**. Buenos Aires: Minotauro, 1983, p. 14.

<sup>8</sup> RAMÓN RIBEYRO, Julio. *Ao pé da escarpa*. In: **Só para fumantes**. Trad. Laura Janina Hosiasson. São Paulo: Cosac Naify, 2007; p. 120.

<sup>9</sup> GARDINI, Carlos. Perros en la noche. In: **Mi cérebro animal**. Buenos Aires: Minotauro, 1983, p. 18.

<sup>10</sup> RAMÓN RIBEYRO, Julio. *Ao pé da escarpa*. In: **Só para fumantes**. Trad. Laura Janina Hosiasson. São Paulo: Cosac Naify, 2007; p. 14.

<sup>11</sup> GARDINI, Carlos. Perros en la noche. In: **Mi cérebro animal**. Buenos Aires: Minotauro, 1983, p. 19.

<sup>12</sup> RAMÓN RIBEYRO, Julio. *Ao pé da escarpa*. In: **Só para fumantes**. Trad. Laura Janina Hosiasson. São Paulo: Cosac Naify, 2007; p. 126.